
Sumário

Prefácio	7
Apresentação	13
SEÇÃO 1 • Princípios para desenvolver uma sala de aula inclusiva	21
SEÇÃO 2 • O professor-aprendiz: refletindo e aprendendo com a prática docente.	31
SEÇÃO 3 • Identificando recursos humanos na sala de aula e na escola para melhorar a qualidade da educação	47
SEÇÃO 4 • Colaboração na sala de aula: como utilizar os recursos disponíveis com eficiência	59
SEÇÃO 5 • Avaliação para tornar a sala de aula mais inclusiva.	73
Para concluir	83
ANEXOS	
1 Contribuições da Unesco para o desenvolvimento de sistemas educacionais e escolas inclusivas	87
2 Unesco – <i>Changing teaching practices: using curriculum differentiation to respond to students’ diversity</i> (Mudando as práticas de ensino: usando a diferenciação curricular para atender à diversidade de estudantes)	89
3 Indicadores da inclusão	93
4 O que é currículo?	101
5 Diferenciação curricular: usando as diferenças para planejar	104
6 Inventário de estilos de aprendizagem	111
7 Planejamento inclusivo	114
8 Cultura na sala de aula	122
9 Aprendizagem colaborativa	124

Prefácio

ESTE É UM LIVRO DE DOCENTES PARA DOCENTES, com o colorido de uma conversa entre os leitores e as autoras, que tiveram como propósito compartilhar experiências.

Convidada a fazer o prefácio, entendi que seria adequado “entrar no espírito” das mensagens e participar da conversa, contando um pouco de minhas próprias experiências, para apontar a importância de um livro como este.

Há 51 anos, quando iniciei minhas atividades como educadora, recebi, da diretora da escola estadual para onde fui designada, minha primeira turma de alunos especiais (AE) – como eram chamados naquela época. Ao me indicar para aquela turma, ela comentou que me oferecia um presente. Reconheço que assim foi, e acrescento que foi um presente tão grande que o desembrulho até hoje!

Ao assumir a turma, eu estava extremamente motivada para concretizar o que aprendera nos estágios de prática de ensino alicerçados na teoria do curso de formação de professores. E levei o que de melhor dispunha para motivar meus alunos a aprender e a participar.

Eram crianças marcadas por histórias de fracasso, com baixa autoestima, ainda analfabetas e iletradas e que, por apresentarem significativas diferenças em relação aos seus pares, eram discriminadas e consideradas incapazes de aprender. Freqüentar a escola era mais um movimento de ida e vinda em sua vida, sem maior sentido ou significado. Essa constatação explicava o desinteresse manifesto, o comportamento irrequieto, geralmente hostil e agressivo, além da infreqüência, que tanto interferiam no processo de aprendizagem.

Confesso que me senti perdida e em conflito: de um lado, meu desejo (enorme) de ser educadora e oferecer a meus alunos a oportu-

tunidade de exercitar sua cidadania (pois desde então acreditava que educar é um ato político, além de social e pedagógico); de outro lado, uma profunda frustração emoldurada por sentimentos de medo e insegurança. Não precisei de muito tempo para descobrir que minha bagagem teórico-metodológica era insuficiente para tamanho desafio.

Como proceder? Iniciei a busca fazendo inúmeras perguntas aos colegas, procurando cursos de especialização e recorrendo a diversas leituras. Infelizmente, não encontrei nenhum livro como este, que fala a linguagem do docente, do lugar que ele ocupa.

Essas sofridas vivências levam-me a entender, muito bem, quando um colega me diz que resiste à proposta de educação inclusiva no recorte que contempla os aprendizes em situação de deficiência. Os educadores sentem-se despreparados e receiam não cumprir adequadamente seu papel. Temem fazer a exclusão dentro da inclusão, criando núcleos de reclusão em sala de aula por não saberem como trabalhar com grupos tão heterogêneos.

Mesmo com os avanços da ciência e da tecnologia, os cursos de formação de professores apresentam sérias lacunas – e não podemos afirmar que todos esses professores se qualificam como educadores, no sentido amplo do termo.

Precisamos ampliar os espaços de diálogo – de idéias, experiências ou sentimentos – para expandir os horizontes de possibilidades como educadores, cidadãos e pessoas, aumentando nossa auto-estima e sentindo-nos valorizados.

Aprimorar a prática pedagógica é uma tarefa urgente, porque estamos empenhados em fazer prevalecer a orientação inclusiva nas escolas, porque devemos remover as barreiras que têm causado o fracasso escolar e, principalmente, porque o binômio ensinar–aprender pode e deve ser prazeroso para quem ensina e para quem aprende.

Em vez do cansaço e do desânimo com os quais nos flagramos indo ou vindo das escolas, a proposta é a de sentir alegria e otimismo, lembrando que as crianças que hoje nos olham com curiosidade e avidez serão os adultos do amanhã – contributivos para a sociedade, esperamos. A criança é o pai do homem, convém lembrar. Alunos são pessoas que carregam o potencial de transformar o contexto que nos cerca, tornando-o mais equânime e justo.

Em outras palavras, podemos desencadear o processo de mudança dentro da sala de aula, estendê-lo para além dos muros da escola e envolver, pouco a pouco, toda a comunidade.

Os leitores deste texto podem pensar que falar ou escrever é fácil, difícil é fazer acontecer. Concordo e vou além: como educadores, podemos muito, mas não podemos tudo; na escola, podemos exercitar valores humanos, mas não podemos garantir que eles sejam reconhecidos e praticados por toda a comunidade. Podemos transformar a cultura, as políticas e as práticas educativas da “nossa” escola, mas não podemos garantir que o mesmo vá ocorrer em todas as demais.

Todas essas considerações, ao lado de outras que nos fazem pensar em paradoxos e contrastes com os quais convivemos, são necessárias e inadiáveis. Pessoalmente não compartilho das teses messiânicas ou mágicas a respeito do fazer da escola como único meio capaz de reverter o quadro de injustiças e desigualdades com o qual convivemos.

Defendo com unhas e dentes a importância da articulação entre as políticas públicas, porque a inclusão social – como direito do indivíduo e atribuição do Estado de Direito – não depende só da escola. No entanto, no dia-a-dia continuo aprendendo que, nesse movimento para transformar as escolas, temos sido estimulados a desenvolver novos olhares para a problemática político-social e econômica da sociedade brasileira e já desencadeamos a luta para remover seus fatores causais.

Vale, portanto, discutir o paradigma da inclusão dentro da escola e, com base nisso, desenvolver efetivas ações: denunciando, procurando parcerias e, sobretudo, modificando o modo de sentir, pensar e agir em sala de aula.

Como tem sido amplamente assinalado, a proposta inclusiva diz respeito a todos os aprendizes, e não apenas às pessoas em situação de deficiência e às superdotadas. Igualmente sabemos que educação inclusiva é muito mais do que simples presença física (inserção na escola) em turmas do ensino regular.

Escolas de orientação inclusiva trabalham para que todos estabeleçam relações com os saberes, aprendendo, construindo conhecimentos, desenvolvendo habilidades e competências. Trabalham, também, para que todos participem, isto é, para que haja integração entre os alunos, bem como entre alunos e educadores, decorrente de movimentos relacionais calcados no reconhecimento das diferenças individuais, na diversidade cultural e nos saudáveis sentimentos de cooperação e solidariedade – sem pieguismos.

Creio que este livro contém os ingredientes necessários para deflagrar e manter inúmeras reflexões que precisamos e devemos fazer para que se consolidem as mudanças. Pode ser que não concordemos com tudo que ele contém, ou que nos apropriemos de suas mensagens e as tomemos como nossas. Em ambos os casos, saímos ganhando: no primeiro porque, ao discordar, procuraremos argumentos que sustentem nossos pontos de vista, e isso é aprendizado que conduz ao crescimento pessoal e profissional; no segundo caso, porque teremos encontrado pensadoras que escrevem, com suas palavras, aquilo que gostaríamos de dizer, o que reforça nossos pontos de vista e nos dá maior segurança.

Tal como as autoras anunciam, este é um livro simples e fácil de ler. Espero e desejo que vocês experimentem os mesmos sentimentos

que ele me proporcionou. Entre eles, o desejo, cada vez mais forte, de contribuir para a reversão do contexto de desigualdades e injustiças sociais com o qual convivemos.

Da escola, acrescentaremos apenas um pequenino grão de areia em prol das transformações que se fazem necessárias. Mas, com a soma desse grão a vários outros, poderemos imaginar uma praia, um espaço ensolarado de liberdade, onde será possível caminhar com firmeza e brandura para remover inúmeros e perversos preconceitos e discriminações. Que seja logo!

ROSITA EDLER CARVALHO

Pesquisadora em Educação Inclusiva
Ex-diretora do Instituto de Psicologia da Universidade
Estadual do Rio de Janeiro (Uerj)

Apresentação

COLEGA DOCENTE,



Hoje um dos grandes desafios do sistema público de educação no Brasil é preparar professores para ensinar estudantes de todas as faixas etárias e estilos de vida, com diferentes potenciais e ritmos de aprendizagem, buscando atender à diversidade da sala de aula e suas demandas.

As condições vividas pelas docentes no dia-a-dia da prática educacional nas escolas públicas são muito semelhantes em todo o Brasil e se caracterizam principalmente por:

- 🦊 turmas numerosas;
- 🦊 classes com muitos estudantes que fracassam na aprendizagem;
- 🦊 falta de tempo real para planejar a aula;
- 🦊 falta de assiduidade dos estudantes;
- 🦊 pouca motivação dos estudantes para participar das aulas;
- 🦊 isolamento e solidão do docente para lidar com as dificuldades que surgem;
- 🦊 planejamento escolar precário.

Some-se a isso a ampla diversidade de estilos e ritmos de aprendizagem que encontramos nas salas de aula das escolas brasileiras, resultante, entre outros fatores, das seguintes condições:

- 🦊 estudantes que vieram de várias regiões brasileiras ou de outros países;

-  estudantes com expressões lingüísticas, níveis de conhecimento e aprendizagens diferentes;
-  níveis distintos de aquisição e desenvolvimento de linguagem oral e escrita.

A docência em nossas escolas representa, portanto, um constante desafio aos professores. Diante de uma realidade educacional tão complexa, devemos continuamente nos perguntar:

- O que fazer para superar as barreiras à aprendizagem igualitária de todos os estudantes?
- Como trabalhar pedagogicamente com estudantes tão diferentes entre si?

Sem dúvida, mudar exige um grande esforço e também um compromisso político com o direito de todos à educação de qualidade. Contudo, promover mudanças na prática educacional é possível e constitui uma experiência gratificante profissionalmente. É o que pretendemos demonstrar aqui.

Este livro é fruto da aprendizagem de professoras da rede pública que, ao reconhecerem que as aulas tradicionais não ajudavam a lidar com os diferentes estilos de aprendizagem dos estudantes em suas turmas, tiveram a coragem de enfrentar o desafio de mudar sua prática de ensino. Após um intenso processo de reflexão e ação, essas docentes adotaram novas práticas, com o objetivo de desenvolver métodos de ensino que possibilitassem a participação e a aprendizagem efetivas de *todos* os seus estudantes, em outras palavras, a inclusão de todos nas atividades propostas em classe.

Inclusão significa combater a qualquer tipo de exclusão e discriminação, bem como promoção da participação, tanto na escola como na família e na comunidade. No contexto da educação, a *inclusão* engloba os seguintes direitos:

- acesso à educação por meio de matrícula em qualquer escola (da rede pública ou privada);
- acesso ao currículo por meio de estratégias de ensino que possibilitem a igualdade na participação nas atividades em sala de aula e na vida social escolar e comunitária;
- acesso aos conteúdos trabalhados na escola, assim como àqueles existentes na comunidade, por meio do processo de ensino e aprendizagem.

Contribuições da Unesco para o desenvolvimento de escolas inclusivas

A UNESCO É O ÓRGÃO da Organização das Nações Unidas (ONU) responsável pelo desenvolvimento da educação. A sigla Unesco (em inglês *United Nations Education, Science and Culture Organization*) significa Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Com a missão de impulsionar os sistemas educacionais dos países membros da ONU, a Unesco realiza grandes eventos mundiais, conclamando os governantes a adotar diretrizes internacionais que se transformam (ou não) em políticas públicas para a melhoria da qualidade da educação. Nesse contexto, desde 1990 a Unesco tem tido papel crucial (*veja ANEXO 1*) no estabelecimento de tais diretrizes e, no Brasil, as políticas públicas as refletem. Por exemplo,

as políticas públicas para a educação de jovens e adultos (EJA) constituem a resposta do governo à Conferência Mundial da Educação para Todos (e ao documento de mesmo nome), realizada em 1990 na Tailândia. No caso específico dos estudantes que enfrentam barreiras significativas para ter acesso à educação (por exemplo, pessoas com deficiência, indígenas e quilombolas), o documento da Unesco que norteou as políticas nacionais foi a Declaração de Salamanca, publicada em 1994, que lançou o termo *necessidades educacionais especiais*, ainda hoje associado (incorretamente) apenas aos estudantes com deficiência.

Este livro foi inspirado por inúmeros materiais publicados pela Unesco e orientado particularmente pelo material publicado em 2004 *Changing teaching practices, using curriculum differentiation to respond to students' diversity* (veja **ANEXO 2**), para cuja elaboração uma das autoras deste livro contribuiu.

Como docentes, sabemos que é possível promover a inclusão em qualquer ambiente educacional. Por isso, convidamos você a ler as experiências que relatamos nas páginas a seguir e, com base nelas, avaliar sua própria prática de ensino e os resultados do processo de ensino e aprendizagem que ocorre em sua sala de aula. Ao fazer isso, pergunte a si mesmo se está satisfeito com os resultados alcançados. Se não estiver, talvez seja tempo de começar a pensar em mudanças...

O que pretendemos

PROCURAMOS REUNIR neste livro informações relevantes sobre novas formas de ensinar, mais práticas e objetivas. Esperamos que aqui você encontre motivação para refletir sobre o seu dia-a-dia na sala de aula

e na escola, bem como para trocar experiências educacionais com seus colegas e estudantes.

Estamos certas de que você, como nós, sabe muito sobre ensinar e gostaria de aperfeiçoar sua prática docente. Com isso em mente, organizamos um conteúdo que ajudará você a encontrar caminhos novos para enriquecer sua prática de ensino e a aprendizagem dos estudantes.

Considerando a falta de tempo do docente no Brasil, procuramos escrever um livro que fosse fácil de ler, que se assemelhasse mais a *uma conversa entre docentes*, conduzida com base em relatos de experiências pessoais. Assim, adotamos a chamada “linguagem da prática” do dia-a-dia escolar.

Acreditamos que o nosso objetivo coincide com o seu: achar alternativas educacionais viáveis para garantir que todos os estudantes de todas as escolas atinjam o sucesso escolar. Por isso, convidamos você a colaborar com a construção de escolas inclusivas, nas quais efetivamente se realizem nossas metas educacionais.

Como organizamos este livro

OUVIMOS DOCENTES da rede pública, coordenadores e gestores de escolas, assim como educadores que atuam em coordenadorias municipais de educação, para saber que tipo de livro consideram mais acessível aos professores e que características ele deve ter. O resultado foi que, para o docente, um livro útil:

- é parecido com uma revista, com textos curtos e interessantes;
- traz exemplos de experiências docentes em sala de aula;
- está mais voltado para a prática do que para a teoria;

- desafia o professor a executar as idéias apresentadas;
- propõe perguntas que ajudem a refletir sobre a prática;
- tem letras grandes;
- tem espaços para o professor anotar experiências pessoais ou idéias que possam surgir durante a leitura;
- cabe na bolsa e, logo, pode ser lido em qualquer lugar, sempre que possível, para estimular novas idéias.

ESTRUTURA INTERNA

O livro está dividido em seções que abordam os temas mais relevantes, a nosso ver, para a formação do professor voltado para a inclusão de todos os estudantes em suas atividades de sala de aula e na vida escolar. Os textos são curtos, de fácil leitura, e trazem muitas idéias sobre como mudar práticas de ensino.

Cada seção é independente e pode ser lida (ou relida) separadamente sem comprometer seu entendimento. A idéia é que você utilize cada uma de acordo com o que está realizando na classe. Por exemplo:

- se está colhendo informações sobre o que os estudantes sabem a respeito de um assunto do conteúdo curricular, então vá direto para a **SEÇÃO 2**;
- se quer saber mais sobre como trabalhar em grupo, dirija-se para a **SEÇÃO 3**, sobre recursos humanos, e/ou para a **SEÇÃO 4**, que trata da colaboração na escola;
- se deseja avaliar as atividades ou a aprendizagem dos estudantes, leia a **SEÇÃO 5**.

A **SEÇÃO 1**, em particular, deve ser lida por todos e antes das demais, pois ajuda a adquirir (para quem não a possui) ou a desenvolver

melhor compreensão sobre o conceito de inclusão e seus princípios norteadores. À medida que vamos transformando nossas práticas, esse conceito vai se incorporando a elas e tornando-se cada vez mais claro. Fica mais fácil, então, entender o que significa dizer que “a educação é um direito de todos” e que é nosso papel concretizar esse direito no âmbito da sala de aula e da escola.

Os anexos contêm mais informações sobre o conteúdo das seções, bem como estratégias de ensino inclusivas, e podem ser consultados a qualquer momento.

Esperamos que nossa contribuição ajude você a se aperfeiçoar como docente comprometido com a educação de qualidade para todos os seus alunos, sejam eles crianças da educação infantil ou do ensino fundamental, jovens e adultos do ensino médio ou da educação de jovens e adultos, ou, ainda, universitários.

Desejamos boa sorte nas suas novas práticas em sala de aula!



■ **Uma sala de aula inclusiva, onde todos participam e colaboram**